

Van Gogh: trajetória de
um gênio atormentado
(Paul Huf)

Promoção: KLM / mcegs

Local: Mangs - galvina II

DATA: 29/06/89 a 9/07/89

Nº de pees: 83

Nome da exposição: FACE a FACE (Eye to Eye)

Período: de 29 de junho a 9 de julho/89

Local: Museu de Arte do Rio Grande do Sul

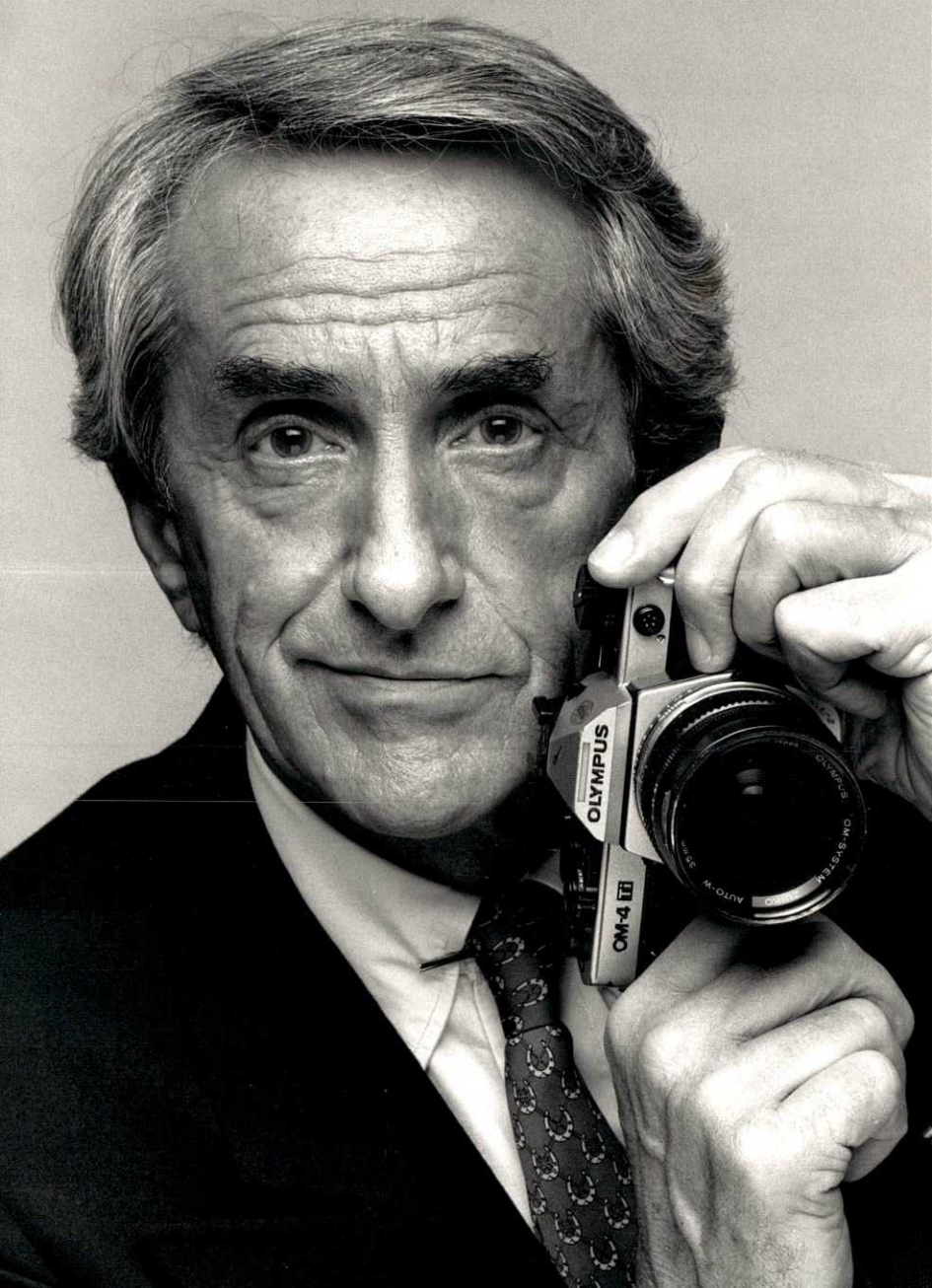
CENTENÁRIO DE VAN GOGH com fotos de PAUL HUFF

Fazendo parte das promoções pelo centenário da morte de Vincent Van Gogh, pintor holandês, falecido em 1890, estará em Porto Alegre uma exposição de 83 painéis fotográficos de autoria do holandês Paul Huff, que percorreu todos os locais onde viveu o irrequieto artista.

De personalidade introvertida e difícil, Van Gogh não obteve em vida, o reconhecimento pelo seu trabalho, tendo como único incentivador seu irmão Théo que sempre o apoiou nos momentos mais cruciais de suas andanças, desde a Holanda até Anvers-sur-Oise, onde faleceu em 29 de julho de 1890.

Esta mostra que é itinerante, iniciou seu percurso em Amsterdam em março, tendo seguido após para os Estados Unidos e Europa. Exposições de obras de Van Gogh estão previstas também para o ano de 1990, em várias cidades européias.

As fotos de Paul Huff estarão no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, na Praça da Alfândega, a partir de 29 de junho corrente, às 19 horas, com o patrocínio da empresa aérea KLM.



Paul Huf, one of Holland's most striking
photographers, has produced a remarkable
performance with the exhibition
'Vincent van Gogh/Paul Huf: Eye to Eye'.

Copyright P. Huf, the Netherlands, 1989



(Clogs)

Still life from Arles.

On film too, the shadows, the light and the details of Arles evoke a melancholy mood.

Copyright P. Huf, the Netherlands, 1989



(Blossom)

Flowers and blossoms: nothing has changed
in a hundred years.

Copyright P. Huf, the Netherlands, 1989



(Woman)
Portrait from Nuenen.

Copyright P. Huf, the Netherlands, 1989



-ARTE-

Van Gogh e Paul Huf, dois mestres no Margs

Dois mestres, um da pintura e outro da fotografia, estarão juntos em Porto Alegre, para serem admirados pelo público. Os mestres são Vincent Van Gogh e Paul Huf, reunidos na exposição "Eye to Eye", que será inaugurada no próximo dia 29 de junho, às 19 horas, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

Em 1990 será comemorado o centenário de morte do pintor holandês, Vincent Van Gogh, ocorrido em 29 de julho de 1890. Para essa data, a KLM — Companhia Real Holandesa de Aviação — decidiu encomendar ao fotógrafo, internacionalmente conhecido, Paul Huf, uma reportagem fotográfica sobre o pintor. Durante um ano, Huf percorreu todos os locais onde Van Gogh viveu e trabalhou na Holanda, acompanhado do historiador de arte holandês, John Sillevs, curador da coleção de arte do século XIX do Museu Municipal de Haia, para captar, com sua arte, todas as paisagens que foram representadas na tela com tanta intensidade pelo artista. Agora, essa exposição chega ao Brasil, depois de ser inaugurada no Museu Van Gogh, em Amsterdam, em março de 1989, antes de seguir para os Estados Unidos e Europa. Além de homenagear Van Gogh, "Eye to Eye" faz parte das comemorações dos 150 anos do nascimento da fotografia, que será celebrada em 1990.

Paul Huf trabalha com imagens desde 1946, quando recebeu suas primeiras encomendas de pintura — naturezas mortas e paisagens. Entretanto, é na fotografia que ele se revela e demonstra seu enorme talento. Ele é conhecido como um fotógrafo escultor, que capta o momento do objeto em foco. Com uma carreira que inclui desde anúncios, filmes para televisão, documentários e inúmeros prêmios, é em "Eye to Eye" que Huf afirma sua arte, sendo esta exposição um marco em sua carreira.

O mais enriquecedor dessa mostra de 83 painéis fotográficos coloridos é como ela exhibe ao público brasileiro todo o ambiente em que viveu o artista, assim como permite perceber as enormes semelhanças entre a pintura e a fotografia de que Van Gogh e Huf são mestres. Mestres por captar a cor de suas imagens com o coração e a alma.

"Eye to Eye" ficará no Museu de Arte do Rio Grande do Sul de 29 de junho a 9 de julho.



Vincent Van Gogh: um dos mestres da exposição Eye to Eye

Os cenários em que viveu e pintou Van Gogh

★ Meu programa inicial em Amsterdã sempre é encabeçado com uma passada no Museu Van Gogh, que é o artista que mais me sensibiliza pela dedicação ao trabalho e a importância de sua pintura no panorama internacional. Suas telas, hoje registrando a mais alta cotação no mundo, foram pouco admiradas enquanto o artista esteve vivo. Agora tem a consagração dos principais investidores de arte no mundo.

★ O ano de 1990 já é conhecido como o Ano Van Gogh na Holanda, pois é o ano de seu centenário de nascimento, (nascido no signo de Áries, por sinal) e as comemorações programadas são muitas. O Museu Nacional Vincent Van Gogh vai realizar uma mostra especial com quadros emprestados por diversos museus do mundo — serão 120 ao todo. No outono, realiza uma exposição das cartas ilustradas do artista. Outra manifestação da grande sensibilidade de Vincent que poderá ser admirada.

★ Uma exposição, entre outros eventos importantes do calendário, atrai atenção. Trata-se da coleção de 150 fotos assinadas pelo fotógrafo-artista Paul Huf, que a convite da KLM, fotografou locais onde Vincent Van Gogh viveu e trabalhou. O fotógrafo realizou uma viagem acompanhado do historiador da arte holandesa, J. Sillevius, para escolher locais e efeitos que podem ter causado estímulo ao pintor. Esta mostra será apresentada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul a partir da próxima semana.

Jornal: Zero Hora
 Data: 25 / 06 / 89
 Página: 12-13 Revista ZH
 Assunto: exposições

Mulher
 RUI ROBERTO FELTEN

Genaro Joner/ZH

Rosamaria, revelação de Gramado



Gramado revelou este ano uma nova atriz de cinema. Ela se chama Rosamaria Murtinho, um nome já bastante marcado pelo teatro e a TV, mas que não tinha feito nenhum filme até 1º de Abril, Brasil (de Maria Leticia), com o qual ganhou o Kikito de melhor atriz no festival. Quando ouviu o anúncio de que ganhara o prêmio, quase não pôde levantar da poltrona que ocupava na platéia. "Não é possível; estou sonhando", exclamou. Não estava. O júri que julgou os longas decidiu premiá-la pela interpretação de Maria Angélica, uma garota reprimida e hilariante que mora num pensionato carioca, nos anos 60.

Antes de 1º de Abril, Brasil, Rosamaria Murtinho só tinha sido convidada para uma participação pequena em *Menino do Rio*, que não aceitou porque queria estrear no cinema com um trabalho maior. O filme de Maria Leticia não tem protagonista, mas sua personagem, Maria Angélica, acaba se sobressaindo entre as outras. E o trabalho da atriz tem a ver com isso, porque, independente da direção, acrescentou detalhes ao papel — como a comicidade. "Uma pessoa ridícula e reacionária como ela teria de ser 'denunciada', e nada melhor para isso do que expô-la ao ridículo", diz Rosamaria. Mas a atriz tem muito carinho pela personagem:

— Ela é o tipo de pessoa que ouviu dos pais certas normas, acredita nelas e não tenta mudar, mesmo que seja melhor para si. É uma pessoa reprimida, que não vive a sua vida, mas através do que os pais pensavam ou se projetando nas experiências das colegas de pensionato. Tenho muita pena dela, porque não tem visão do futuro e não contesta nada.

Fora da pele de Maria Angélica, Rosamaria Murtinho é uma pessoa que procura não complicar as coisas; que freqüentou o divã do analista por cinco anos; e que hoje não tem mais a agressividade de outros tempos. "Nada como a gente se conhecer", diz. "A análise ajudou também no meu trabalho, porque, à medida que não me mascaro, fica mais fácil

chegar ao personagem. Se não emboto o que eu sou, também tento ver a verdade dele".

A fama nunca a deslumbrou. "E agora, com tantos anos de profissão, seria ridículo", comenta. "A educação que tive, a família, os colégios que freqüentei, as viagens que fiz, deixaram em mim um comportamento que o sucesso não altera". A primeira vez que ela se defrontou cara a cara com o preço da fama foi quando fazia uma de suas primeiras novelas da fase áurea da TV Excelsior, em São Paulo. Rosamaria aparecia no vídeo como a doméstica Maria Aparecida, que se apaixonava pelo filho da patroa, e num sábado foi a um supermercado comprar calças plásticas para o segundo filho, Rodrigo, hoje com 24 anos. A multidão que a cercou foi tamanha que ela só conseguiu sair com ajuda da polícia.

Desejo abandonado

Antes de ser atriz, Rosamaria queria ser ballarina — desejo que foi interrompido por um problema de menisco mal resolvido. Começou então a fazer teatro amador com o irmão, o ator e diretor Carlos Murtinho. Depois de um estágio pelo semi-profissional, circulou pelo Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), pela companhia de Maria Della Costa e pelo Teatro Oficina, onde viveu uma das melhores experiências com José Celso Martinez Correa. "Fiz parte da gloriosa montagem de *Os Pequenos Burgueses*", recorda. "Embora tenha feito seu primeiro filme só

agora, depois de 30 anos de carreira, ela chegou a concorrer, em 1982, ao extinto Prêmio Saci, conferido pelo jornal "O Estado de São Paulo" aos melhores do cinema brasileiro. Seu nome foi incluído entre os candidatos por sua atuação no seriado de TV *O Vigilante Rodoviário*, que foi filmado em 16 milímetros e depois teve seis dos 40 episódios ampliados para exibição em cinemas. Rosamaria não levou o prêmio, mas os críticos a aplaudiram.

Na televisão, quem colocou em cena o seu lado humorista foi o autor de novelas Sílvio de Abreu. Essa é uma faceta que ela já mostrava há muito tempo no teatro, enquanto na TV só lhe ofereciam papéis dramáticos. Sílvio de Abreu abriu o caminho convidando-a para o papel de Loreta Pires de Camargo (ou "Lolô Madureira"), em *Jogo da Vida*. Para quem não lembra, era aquela mulher pobre, casada com um rico falido e que andava de ônibus vestindo casaco de pele e insistindo que tinha um Mercedes na garagem, mas não gostava de usá-lo. Seguiram-se depois *Vereda Tropical*, onde viveu Bárbara, uma milionária abandonada pelo marido que vai morar em vila, e *Cambalacho* — a última novela de que participou, há quatro anos.

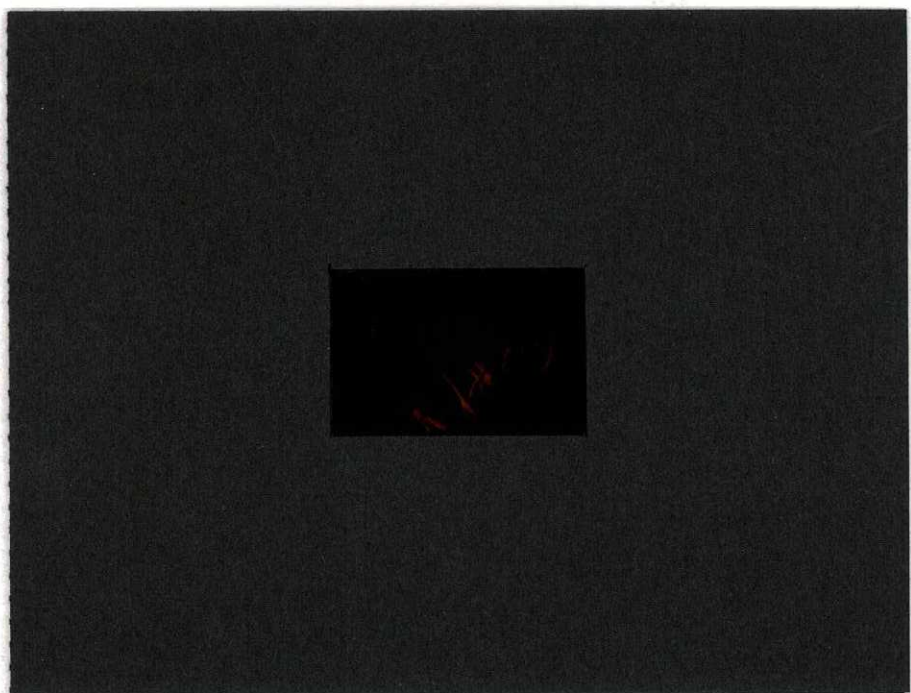
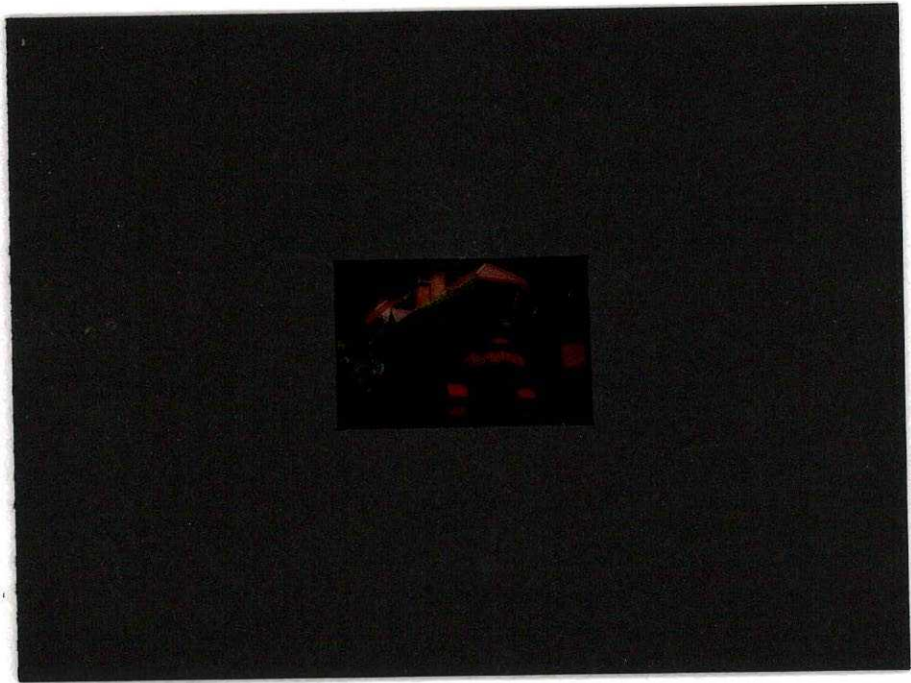
Separação bem resolvida

Nascida em Belém do Pará, Rosamaria foi para o Rio de Janeiro com 21 dias e só voltou à terra natal em 1976, com um espetáculo. Nessa ocasião, ficou sabendo que o bisavô,

ex-artista plástico e integrante da Academia Paraense de Letras, havia também escrito uma peça infantil na juventude. Fora ele, ninguém mais das gerações anteriores à dela e do irmão tinha sido artista na família. O pai foi engenheiro agrônomo e a mãe (ainda viva) se dedicou à casa.

Separada do ator Mauro Mendonça há cinco anos, depois de 24 de casamento, Rosamaria mora no Rio com os filhos João Paulo (25 anos) e Rodrigo (24). Maurinho, o mais novo, de 22 anos, é casado e pai de sua neta, Vitória, de um ano. Todo mundo é artista. João Paulo é músico (é ele quem faz a música original de *1º de Abril, Brasil*, em parceria com Sérgio Dias); Rodrigo é ator; e Maurinho, diretor.

Mesmo com o casamento desfeito, a atriz e o ex-marido mantêm excelente relacionamento: usam o mesmo talão de cheques e são sócios na empresa Mea Produções, destinada a produzir espetáculos. Através dela, eles montaram, por exemplo, a peça *Direita, Volver*, onde atuam juntos e que está voltando ao cartaz esta semana no Rio, no Teatro América. Casar de novo? "Por enquanto, não", diz ela. "Mas nunca se deve afirmar que não vamos beber dessa água". Seu hobby é cuidar do jardim da casa onde vive e, como superstição, tem o hábito de bater com a mão três vezes na madeira e fazer o sinal da cruz antes de entrar em cena. Em épocas que o trabalho permite, freqüenta sessões de ginástica e, para se aperfeiçoar como atriz, costuma também tomar aulas de canto.



Van Gogh: trajetória de um gênio atormentado

Luciano Alfonso

Atormentado, nômade e miserável. Assim viveu e morreu Vicent Van Gogh, o pintor holandês que na atualidade tem os preços mais altos do mercado de artes plásticas mundial. Ano que vem fará 100 anos de sua morte e grandes comemorações, de exposições a óperas, homenagearão o pintor. A capital gaúcha insere-se neste contexto, através do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que abre na próxima quinta-feira, às 19h, a exposição fotográfica de Paul Huf denominada "Eye to Eye" e traduzida por "Face a



Mujer de Nuenen

Face", trazida ao estado por meio da empresa aérea holandesa KLM, após montagens no Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas. Daqui segue para Brasília.

Nesta exposição de 83 painéis fotográficos o público gaúcho poderá apreciar paisagens, prédios e tipos humanos característicos dos locais onde Van Gogh trabalhou e viveu. Nesta tarefa o fotógrafo Paul Huf, considerado como o principal pioneiro no desenvolvimento da fotografia profissional na Holanda, se fez acompanhar pelo historiador de arte holandesa John Sillevius, curador da coleção de arte do século 19 do Museu Municipal de Haia. Às vezes, como aconteceu, por exemplo, em Paris e em Saint-Rémy, no sul da França, Paul Huf fotografou os lugares exatos onde Vicent Van Gogh produziu suas obras. Antes de fotografar, no entanto, Huf por um ano investigou a vida de Van Gogh, assim como visitou os lugares onde há cem anos esse gênio da pintura, tardiamente reverenciado, viveu, produziu e trabalhou.

O projeto da exposição "Eye to Eye" é também uma homenagem aos 150 anos da fotografia, celebrados este ano, e ressalta ainda semelhanças bastante evidentes entre o trabalho do pintor e o do fotógrafo. Van Gogh trabalhava rapidamente na ânsia de captar o momento e transmiti-lo à tela. Neste sentido, Van Gogh agia como um fotógrafo. Da mesma forma, a mesma relação pode ser feita nos retratos, naturezas mortas e paisagens dos dois artistas.



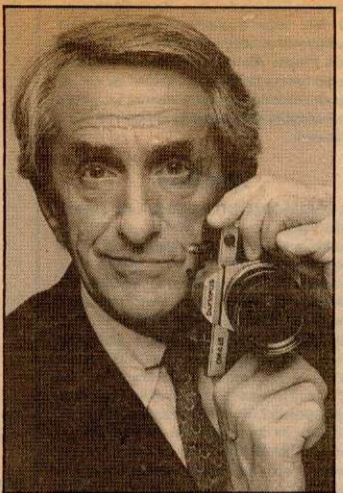
Van Gogh retratado em prédio onde comprava tintas

Jornal: Zero Hora
Data: 28 / 06 / 89
Página: Capa - 2º Cad
Assunto: Mostre fotografica

Inaugura amanhã, a partir das 19h, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a exposição do ensaio fotográfico **Vincent Van Gogh/Paul Huf: Face a Face**. Com esta mostra, que reúne 83 painéis fotográficos coloridos do fotógrafo Paul Huf — ele empreendeu uma verdadeira expedição fotográfica nos locais onde este mestre passou sua vida — a KLM, que encomendou especialmente este trabalho, antecipa o ano Van Gogh, em 1990. Nesta viagem fotográfica, Paul Huf esteve acompanhado pelo historiador de arte holandesa J.J.T.Silveris, curador da coleção de arte do século XIX do Museu Municipal de Haia. A mostra permanecerá em cartaz até o dia 9 de julho.



Monte de feno: formas e cores muito retratadas pelo artista holandês



Paul Huf, fotógrafo: pontos em comum com o pintor



Van Gogh: auto-retrato

Uma viagem fotográfica pelo mundo de Van Gogh

Por JUSSARA PORTO
Editoria 2º Caderno/ZH

Em 27 de julho de 1890, aos 37 anos, Van Gogh disparou um tiro no peito morrendo dois dias depois. Era o fim da trajetória de uma personalidade genial, arrebatada e sensível. Alguém que certa vez havia escrito: "Sinto em mim um fogo que não posso deixar extinguir. Que, ao contrário, devo atizar, mesmo que não saiba onde isso possa me levar". Ele tinha conhecimento de que aos olhos do mundo era tido como um louco, um tipo excêntrico, mas queria mostrar a todos o que esse homem sentia. Via desenhos e quadros nos lugares mais incríveis, nas casas mais pobres, nos cantos mais sujos. Mas também nas imagens da natureza.

No espaço que ficou entre sua vida e sua trágica morte, Van Gogh manteve seu fogo interno sempre aceso e nele aqueceu sua criatividade. Sua biografia assinala que ele costumava mudar-se de duas a três vezes por ano, traçando o perfil de uma pessoa que nunca conseguiu criar raízes. Trabalhou em

galeria de arte, foi professor, pároco auxiliar, missionário até se dedicar à pintura a partir de 1881. Neste ano, ele foi para Haia e estudou com Anton Mauve. Visto pela família como um homem que não era bom em nada, Vincent Van Gogh tinha no irmão Théo, o único que reconhecia sua sinceridade à sua arte.

Arte holandesa, com certeza

A Holanda com seu povo, moinhos e girassóis está inscrita por inteira na obra deste pintor que abandonou a vida há 100 anos atrás mas que se tornou imortal através das imagens que criou. Este trabalho realizado por Paul Huf, retratando os locais onde Van Gogh viveu e trabalhou, se constitui numa das encomendas mais importantes já feitas a um fotógrafo holandês e, certamente, a de maior difusão internacional na medida em que está sendo divulgada em vários países do mundo. A KLM também considera este projeto como uma homenagem aos 150 da fotografia, celebrados este ano. Juntamente com as firmas Heineken, Douwe Egberts e Spaarbank, a KLM é um dos principais patrocinadores da Fundação Van Gogh 1990.

Considerado como o principal pioneiro do desenvolvimento da fotografia profissional na Holanda, Paul

Huf é dono de um estilo particular — especialmente na arte do retrato — que é reconhecido pelos especialistas. Ao longo de sua carreira, especializou-se também nas naturezas mortas, filmes publicitários, documentários e paisagens. A partir deste trabalho, foram mostrados pontos em comum entre este fotógrafo e o imortal pintor holandês. A começar pela "ânsia" de Van Gogh de captar a excitação que sentia na natureza, a excitação do momento, e transmiti-la o mais rápido à tela; assim como o faz um fotógrafo.

Mas, no que diz respeito às personalidades dos dois homens, as diferenças são contrastantes. Da depressão e melancolia de Van Gogh, Huf não tem nem a sombra. Vivo e alegre, está sempre pronto para um gracejo, desarmando qualquer sinal de nervosismo. Obsessivo, sim, tanto quanto Van Gogh, com o jogo de cor e luz existente na natureza, ele levou um ano investigando a vida do pintor e visitando todos os lugares onde viveu e trabalhou.

Jornal: *Zero Hora*
Data: *29 / 06 / 89*
Página: *8 2º cad.*
Assunto: *inauguraçã*

Fotos sobre Van Gogh

★ Inaugura hoje, a partir das 19h, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, a exposição do ensaio fotográfico *Vincent Van Gogh/Paul Huf: Face a Face*. Com esta mostra, que reúne 83 painéis fotográficos coloridos do fotógrafo Paul Huf, a KLM, que encomendou especialmente este trabalho, antecipa o ano Van Gogh, em 1990. Para realizá-lo, este fotógrafo holandês empreendeu uma verdadeira expedição fotográfica nos locais onde este mestre passou sua vida. Uma viagem fotográfica na qual Paul Huf esteve acompanhado pelo historiador de arte holandesa J.J.T.Silveris, curador da coleção de arte do século XIX do Museu Municipal de Haia. A mostra permanecerá em cartaz até o dia 9 de julho.

O belo país da técnica e da arte

★ Meu roteiro pela Holanda, saindo da Bélgica, foi através de Delft, Rotterdam a espetacular cidade-porto. Trata-se do maior porto do mundo (não esquecer que a holding da Shell está sediada na Holanda e de que a ex-rainha Juliana detém uma das maiores fortunas do planeta) e as construções aos longos de vários quilômetros são fascinantes. Sem falar na torre cartão postal — Euro-Mast de onde vislumbra-se todo o porto, uma atração são os bairros modernos com casas em formatos de cubos numa concepção arrojada e totalmente diversa de tudo que se avista noutras latitudes.

★ Depois de percorrer os múltiplos caminhos do maior porto do mundo rumamos a Dem Hag, a residência oficial da Rainha Beatriz, tomamos novamente o maravilhoso caminho do interior da Holanda (no início do verão um programa elegante dos brasileiros ricos que estavam em Paris foi apanhar um helicóptero de aluguel e ir apreciar o último florescer das tulipas) com suas fazendas mínimas e de onde sai uma das maiores produções de leite do mundo. Finalmente, a cidade de Amsterdam onde a vida de arte é intensa e sente-se o espírito da liberdade na sua essência.

★ No museu Van Gogh a surpresa foi com o acervo do Museu de Arte de São Paulo com uma coleção de que fazem parte quatro telas do grande pintor holandês, comprovando a alta qualidade do museu paulista que é um dos melhores das Américas. Mas foi nos andares dedicados a obra de Vincent Van Gogh minha permanência maior, obviamente.

★ Juntamente com Cláudio Goulart tivemos jantar a base de frutos do mar num dos restaurantes de Amsterdam que entre outros conta com o Five Flies, cujo início de atividades data de 1508... quase a idade do descobrimento do Brasil.

★ Foi no Museu de Van Gogh que fiquei conhecendo o material a respeito da exposição de Paul Huf, com fotos da Holanda e dos motivos que estimularam ao grande pintor a criação de algumas de suas mais importantes telas. Logo mais terei oportunidades de conhecer a coleção de fotos, são 150 ao todo, que possibilitam conhecer mais o mundo que sensibilizou um dos maiores artistas conhecidos. A mostra tem a chancela da KLM e está montada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, onde o cônsule e a sra. Hans Peter Sternberg estarão para inauguração.

★ Ainda a respeito das fotos: Amsterdam é uma das cidades em que a fotografia tem o destaque e reconhecimento merecido como produção artística. Entre galerias e locais dedicados a exposições de arte, é fácil encontrar fotos de qualidade assinadas por artistas da fotografia. Sinal de civilização através do alto nível da fotografia e o interesse que despertam.

Van Gogh: trajetória de um gênio atormentado

Luciano Alfonso

Atormentado, nômade e miserável. Assim viveu e morreu Vicent Van Gogh, o pintor holandês que na atualidade tem os preços mais altos do mercado de artes plásticas mundial. Ano que vem fará 100 anos de sua morte e grandes comemorações, de exposições a óperas, homenagearão o pintor. A capital gaúcha insere-se neste contexto, através do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que abre na próxima quinta-feira, às 19h, a exposição fotográfica de Paul Huf denominada "Eye to Eye" e traduzida por "Face a Face", trazida ao estado por meio da empresa aérea holandesa KLM, após montagens no Rio de Janeiro, São Paulo e Campinas. Daqui segue para Brasília.



Mulher de Nuenen

Nesta exposição de 83 painéis fotográficos o público gaúcho poderá apreciar paisagens, prédios e tipos humanos característicos dos locais onde Van Gogh trabalhou e viveu. Nesta tarefa o fotógrafo Paul Huf, considerado como o principal pioneiro no desenvolvimento da fotografia profissional na Holanda, se fez acompanhar pelo historiador de arte holandesa John Sillevius, curador da coleção de arte do século 19 do Museu Municipal de Haia. Às vezes, como aconteceu, por exemplo, em Paris e em Saint-Rémy, no sul da França, Paul Huf fotografou os lugares exatos onde Vicent Van Gogh produziu suas obras. Antes de fotografar, no entanto, Huf por um ano investigou a vida de Van Gogh, assim como visitou os lugares onde há cem anos esse gênio da pintura, tardiamente reverenciado, viveu, produziu e trabalhou.

O projeto da exposição "Eye to Eye" é também uma homenagem aos 150 anos da fotografia, celebrados este ano, e ressalta ainda semelhanças bastante evidentes entre o trabalho do pintor e o do fotógrafo. Van Gogh trabalhava rapidamente na ânsia de captar o momento e transmiti-lo à tela. Neste sentido, Van Gogh agia como um fotógrafo. Da mesma forma, a mesma relação pode ser feita nos retratos, naturezas mortas e paisagens dos dois artistas.



Van Gogh retratado em prédio onde comprava tintas

Jornal: *Correio do Brs*
Data: *02 / 07 / 89*
Página: *8*
Assunto: *inauguração da exposição*

KLM

A inauguração da exposição fotográfica "Eye to Eye", ocorrida na última quinta-feira, no Margs, e que está sendo promovida pela KLM — Companhia Real Holandesa de Aviação — contou com as presenças dos srs. Peter de Waal e Homero Itaqui, diretor e gerente regional da empresa, respectivamente, além de convidados especiais e imprensa local.

"Eye to Eye" retrata os locais onde viveu Van Gogh, e é alusiva ao centenário da morte deste grande mestre da pintura.

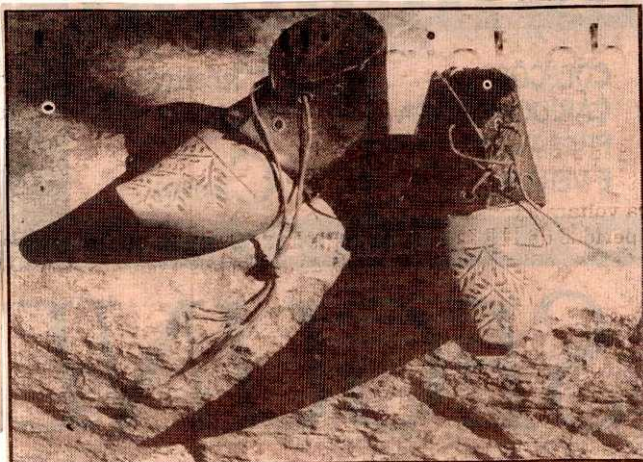
A exposição permanece no Margs até o dia 9 de julho, no horário das 10 às 17h.

Jornal: *Zero Hora*
Data: *04 / 07 / 89*
Página: *02 - seg. caderno*
Assunto: *exposições*

Roteiro

EXPOSIÇÃO

FACE TO FACE — No Margs (Praça da Alfândega), das 10h às 17h. A partir de hoje o Margs abre também das 17h30 às 21h, todas as terças-feiras, pra quem não pode visitá-lo de dia. A exposição que faz parte da programação referente ao centenário da morte de Van Gogh. São 83 painéis fotográficos de autoria do holandês Paul Huff, que percorre os locais onde viveu o artista. Até dia 9 de julho.



As fotos do holandês Paul Huff, que mostram os locais, cenas e cores inspiradores de Van Gogh, podem ser vistas até o dia 9 de julho no Margs

Gasparotto

A tradição de arte da Holanda

□ As salas do Museu de Arte do Rio Grande do Sul estão sob uma luz flamenga com fotos de Paul Huf mostrando cenários e paisagens dos locais em que viveu e trabalhou Vincente Van Gogh. Os belos cenários da Holanda no crivo de dupla sensibilidade artística. A mostra com a chancela da KLM faz parte da programação que inicia preparando o centenário da morte do grande artista que será comemorado em julho de 1990.

□ Peter de Waal dirigente da KLM para o Brasil Sul recebia juntamente com Homero Itaquy e Beatriz Berthier na ocasião dos drinques de abertura da mostra que contaram com a presença do cônsul e a sr^a Hans Peter Sternberg. Entre muita gente conhecida, avistei Christina Harbich Johannpeter, que está retornando de temporada na Europa, Flávia Araújo Santos, Antonieta Barone, que está à frente da Aliança Francesa e organiza a programação da noite de 14 *juillet* que será festiva na sede da entidade, e ainda muitos outros.



Consulesa Sybila Sternberg e Christina Harbich Johannpeter



Cônsul Hans Peter Sternberg, casal Peter de Waal, e Homero Itaquy

Fotos Guaracy Andrade/ZH

EDUARDO CONILL

FOTOS / RICARDO GIUSTI



Consulesa Billie Sternberg, da Holanda, e Cônsul Marianne Kunkel, dos Estados Unidos

Exposição

O Museu de Arte do RS esteve movimentadíssimo na inauguração da exposição de fotos assinadas por Paul Huf, um dos mestres holandeses nesta arte, comemorando o centenário da morte do pintor Vincent Van Gogh. Miriam Avruch foi quem organizou a mostra trazida pela KLM – Companhia Real Holandesa de Navegação e seu representante no RS, Homero Itaquy. Esteve presente ao vernissage o cônsul da Holanda e a senhora Hans Peter Sternberg além do diretor da KLM, Peter de Vaal, com sua charmosa Mirtes. Beatriz Alves auxiliava a receber o craque Leonid Streliaev, José Benedicto Ledur, Antonieta Barone, Luis Jacintho Pilla, Maria Cecília Sperb, César Nogueira e Maisa Aiquei, Aneti e Rafael Behs, a cônsul Marianne Kunkel, Carlos Jorge Appel, entre muita gente mais que circulou pelas salas do Margs.

CORREIO DO POVO

EDUARDO CONILL

Exposição

O Museu de Arte do RS esteve movimentadíssimo na inauguração da exposição de fotos assinadas por Paul Huf, um dos mestres holandeses nesta arte, comemorando o centenário da morte do pintor Vincent Van Gogh. Miriam Avruch foi quem organizou a mostra trazida pela KLM — Companhia Real Holandesa de Navegação e seu representante no RS, Homero Itaqui. Esteve presente ao vernissage o cônsul da Holanda e a senhora Hans Peter Sternberg além do diretor da KLM, Peter de Vaal, com sua charmosa Mirtes. Beatriz Alves auxiliava a receber o craque Leonid Streliaev, José Benedicto Ledur, Antonieta Barone, Luis Jacintho Pilla, Maria Cecilia Sperb, César Nogueira e Maisa Aiquel, Aneti e Rafael Behs, a cônsul Marianne Kunkel, Carlos Jorge Appel, entre muita gente mais que circulou pelas salas do Margs.

PORTO ALEGRE, SEGUNDA-FEIRA, 03 DE JULHO DE 1989
VARIÉDADES — PÁGINA NÚMERO 17

O sucesso de Huf

Porto Alegre foi o lugar do Brasil em que a exposição *Face a face* foi mais visitada. Durante o período em que estiveram expostas no Margs, as obras do fotógrafo holandês Paulo Huf foram vistas por oito mil pessoas. Huf retrata em 83 painéis a trajetória do pintor holandês Van Gogh.

Cupido

Os diplomatas brasileiros estão desempenhando o papel de cupido entre a primeira-ministra Margaret Thatcher e o recém-empossado presidente argentino, Carlos Menem. Os chefes dos dois países, que estão de relações cortadas desde a guerra das Malvinas, têm trocado mensagens de felicitações e agradecimentos, através da diplomacia brasileira.



Gasparotto

O belo país da
 técnica e da arte

★ Meu roteiro pela Holanda, saindo da Bélgica, foi através de Delft, Rotterdam a espetacular cidade-porto. Trata-se do maior porto do mundo (não esquecer que a holding da Shell está sediada na Holanda e de que a ex-rainha Juliana detém uma das maiores fortunas do planeta) e as construções aos longos de vários quilômetros são fascinantes. Sem falar na torre cartão postal — Euro-Mast de onde vislumbra-se todo o porto, uma atração são os bairros modernos com casas em formatos de cubos numa concepção arrojada e totalmente diversa de tudo que se avista noutras latitudes.

★ Depois de percorrer os múltiplos caminhos do maior porto do mundo rumamos a Dem Hag, a residência oficial da Rainha Beatriz, tomamos novamente o maravilhoso caminho do interior da Holanda (no início do verão um programa elegante dos brasileiros ricos que estavam em Paris foi apanhar um helicóptero de aluguel e ir apreciar o último florescer das tulipas) com suas fazendas mínimas e de onde sai uma das maiores produções de leite do mundo. Finalmente, a cidade de Amsterdam onde a vida de arte é intensa e sente-se o espírito da liberdade na sua essência.

★ No museu Van Gogh a surpresa foi com o acervo do Museu de Arte de São Paulo com uma coleção de que fazem parte quatro telas do grande pintor holandês, comprovando a alta qualidade do museu paulista que é um dos melhores das Américas. Mas foi nos andares dedicados a obra de Vincent Van Gogh minha permanência maior, obviamente.

★ Juntamente com Cláudio Goulart tivemos jantar a base de frutos do mar num dos restaurantes de Amsterdam que entre outros conta com o Five Flies, cujo início de atividades data de 1508... quase a idade do descobrimento do Brasil.

★ Foi no Museu de Van Gogh que fiquei conhecendo o material a respeito da exposição de Paul Huf, com fotos da Holanda e dos motivos que estimularam ao grande pintor a criação de algumas de suas mais importantes telas. Logo mais terei oportunidades de conhecer a coleção de fotos, são 150 ao todo, que possibilitam conhecer mais o mundo que sensibilizou um dos maiores artistas conhecidos. A mostra tem a chancela da KLM e está montada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, onde o cônsul e a sra. Hans Peter Sternberg estarão para inauguração.

★ Ainda a respeito das fotos: Amsterdam é uma das cidades em que a fotografia tem o destaque e reconhecimento merecido como produção artística. Entre galerias e locais dedicados a exposições de arte, é fácil encontrar fotos de qualidade assinadas por artistas da fotografia. Sinal de civilização através do alto nível da fotografia e o interesse que despertam.

Paul Huf face a Vincent van Gogh

Embora as diferenças possam ser grandes entre as personalidades do conhecido fotógrafo holandês Paul Huf e de Vincent van Gogh, também há semelhanças bastante evidentes.

Vincent van Gogh trabalhava rapidamente. Queria captar a excitação que sentia na natureza, a excitação do momento, e transmiti-la à tela, tão depressa quanto podia. Neste sentido, Van Gogh trabalhava como um fotógrafo.

Van Gogh é famoso por seus retratos, por suas naturezas mortas de flores e por suas paisagens. O fotógrafo Paul Huf é também conhecido por seus retratos, por suas naturezas mortas para publicidade e por suas paisagens, como as que estão patentes na exposição de Barbizon.

Como Van Gogh, Paul Huf tem o seu próprio estilo pessoal e prefere trabalhar sozinho. Escolhe as suas próprias cores e tonalidades. Seu estúdio não tem qualquer sinal de luxo. E quase todos os dias, conhecidos homens de negócio, atores, escritores, políticos e artistas sobem aquela escadaria estreita no centro de Amsterdã. Mal acreditam em seus olhos. O estúdio de Paul Huf, à primeira vista, parece não ter sido limpo há anos.

E, no entanto, tudo está no lugar exato em que deveria estar. As máquinas fotográficas, lentes, filtros, luzes, telas, todo o material de apoio e os artigos de vestuário estão ao alcance da mão. No meio do seu caos há um método, porque se alguém perguntar pelo negativo de uma fotografia que tirou há 20 anos, ele pode dá-lo em minutos.

Não temos maneira de saber se Vincent van Gogh era igualmente tão bem organizado, embora haja razões para pensarmos que tenha sido. Afinal, Vincent fez, por vezes, descrições detalhadas, nas suas cartas, dos seus estudos e desenhos, tornando claro que eram feitos propositadamente como esboços preparatórios de certos quadros. As vezes, ele até pedia ao irmão para devolver determinado quadro, a fim de alterar um detalhe específico.

No que diz respeito às personalidades dos dois homens, elas são totalmente diferentes. Vincent van Gogh era deprimido e melancólico, Paul Huf é vivo e alegre. Com voz suave, afável, ele consegue que os seus modelos, ou alguém que vá fotografar, fiquem perfeitamente à vontade. Após algumas frases, há sempre um gracejo e uma risada. Ele desarma, rapidamente, qualquer sinal de nervosismo. É um fanático, tão obsessivo com o jogo de cor e luz existente na natureza como Van Gogh. Levou um ano inteiro investigando a vida de Van Gogh e visitando todos os lugares onde ele viveu e trabalhou, para que agora, cem anos mais tarde, possa realmente olhá-lo "Face a Face".

Biografia de Paul Huf

Paul Huf pode ser considerado o principal pioneiro do desenvolvimento da fotografia profissional na Holanda. Desde 1946, quando recebeu sua primeira encomenda particular de fotografias da Companhia de Teatro Comedia, estabeleceu novos padrões de estilo e design fotográfico. Na arte do retrato, criou um estilo especial, que é reconhecido imediatamente pelos especialistas. Ao longo de sua carreira, Huf especializou-se também em magníficas naturezas mortas, filmes publicitários, documentários e paisagens admiráveis.

As diversas personagens com que o pai, ator, o confrontava na sua infância ensinaram Huf, desde pequeno, a diferenciar características nas expressões faciais e corporais dos seus modelos.

Exemplos como os de George Hurrell, George Platt-Lynes, George Hoyningen-Heune e Erwin Blumenfeld ajudaram então Huf a tornar-se o principal representante da fascinante arte de retratista na Holanda. Os seus retratos têm um toque de fotografia jornalística "instantânea", mesmo quando utilizados para fins publicitários ou de moda.

No trabalho de Huf pode-se detectar alguma coisa em comum com Bill Brandt, na forma como a "quietude" transparece. Por isso, Huf é por vezes conhecido entre os fotógrafos como o "escultor", devido à força desta quietude, como se, ao fotografar, seus modelos fossem congelados, o movimento suspenso e a respiração contida.

Embora seja esta a qualidade que tornou o trabalho de Huf tão especial, foi também a razão pela qual ele se relacionou com um meio diferente - o cinema. Na fotografia, não conseguia exprimir adequadamente seus esforços para captar mais ritmo e movimento.

Desde 1966, Huf tem realizado inúmeros filmes publicitários e promocionais, spots de televisão e documentários, muitos dos quais premiados.

Em 1986, decidiu voltar à sua antiga fórmula de "autônomo", na qual a fotografia representa o papel principal. Ele é também um membro ativo da direção da Fundação Mundial da Fotografia de Imprensa e da Fundação Holandesa de Fotografia e, como especialista, é muito solicitado para fazer parte de júris de concursos, proferir discursos e participar de simpósios no país e no exterior.

Em 1989, quando Paul Huf comemora seu 65º aniversário, este notável fotógrafo holandês consegue uma nova proeza: uma importante exposição de suas fotografias. Mais de cem anos após Vincent van Gogh, Huf visitou todos os lugares que desempenharam papel importante na vida do pintor. Daí resultaram 250 fotografias - retratos, naturezas mortas e paisagens- que ilustram as semelhanças entre Huf e Van Gogh em vários aspectos. Uma seleção deste vasto trabalho é mostrada na exposição mundial "Vincent van Gogh/Paul Huf: Face a face", organizada pela KLM. Esta exposição mostra ao visitante o mundo de Van Gogh por um prisma mais real e pode ser considerada como a precursora da exposição principal de Van Gogh a realizar-se na Holanda, em 1990.

Vincent van Gogh, Uma Vida Nômade

Vincent van Gogh foi um homem à deriva. Nunca conseguiu criar raízes. Chegava a mudar-se duas a três vezes no mesmo ano.

Começou cedo, em 1869, a dar sinais de instabilidade. Desistiu da escola, no segundo grau e, com apenas 16 anos, mudou-se para Haia, onde conseguiu emprego numa galeria de arte da Goupil & Cia.

Três anos mais tarde, foi transferido para a sucursal da companhia em Londres e, em 1875, para o seu escritório mais importante, desta vez em Paris. A vida errante verdadeiramente agitada começou depois de sua demissão, em 10 de abril de 1876. Voltou logo para a Inglaterra, e aí trabalhou como professor e pároco auxiliar, em Ramsgate e Isleworth.

No entanto, um ano depois, regressou à Holanda, onde trabalhou durante três meses numa livraria em Dordrecht, e depois mudou-se para Amsterdão. Aí fez os estudos preparatórios com o objetivo de entrar mais tarde num seminário para estudar teologia.

Seu ideal era seguir as pegadas do pai e ser sacerdote. Mas, um ano depois, abandonou os estudos em Amsterdão e foi para Bruxelas, para fazer um curso de evangelização de curta duração.

Desde 1878 até o princípio de 1880, trabalhou como missionário em três lugares diferentes do Borinage, região de minas de carvão da Bélgica. Mas veio a ser um mau orador e um padre medíocre, apesar de seu entusiasmo e da compaixão que sentia pelos pobres da região mineira. De qualquer forma, não teve êxito no púlpito. Foi demitido da missão e regressou ao Brabante, na Holanda.

Já tinha desenhado bastante no Borinage e, depois do seu fracasso como missionário, decidiu tornar-se artista. A fim de adquirir os conhecimentos de que precisava, foi para Haia em 1881 e estudou com Anton Mauve.

Ficou em Haia até setembro de 1881, e aí viveu algum tempo com Sien Hoornik. Os pais exerceram enorme pressão para que ele terminasse esse relacionamento, e Theo fez o mesmo, ameaçando cortar-lhe a mesada. Depois de ter acabado aquela união, foi para a província de Drenthe, embora aí ficasse apenas seis meses. O inverno rigoroso obrigou-o a voltar para os pais, em Nuenen.

Depois da morte do pai, Vincent foi para Antuérpia. Aí teve ligoes na Academia mas deixou logo a cidade para ir juntar se ao seu irmão, em Paris. Vincent van Gogh viveu dois anos em Paris, antes de mudar-se para Arles, onde tinha a esperança de conseguir fundar uma colônia de artistas.

No entanto, o único artista que juntou-se a ele foi Paul Gauguin, que ficou apenas dois meses. Depois de varias experiências desagradaveis com Gauguin, algumas graves crises de depressão e temporadas no hospital local, Vincent foi admitido num hospital psiquiátrico em Saint Rémy.

Apos um ano nesse hospital, Vincent toi reencontrar o irmão em Paris. Theo estava agora casado com Jo Bongor e tinham um filho chamado Vincent.

Van Gogh fixou-se num povoado de artistas chamado Auvers-sur-Oise, ao norte de Paris. Em 27 de julho de 1890 disparou um tiro no peito e morreu dois dias depois.

O irmão Theo morreu seis meses depois. Estão ambos sepultados num pequeno cemiterio, na saída de Auvers-sur-Oise.

Theo van Gogh foi a única pessoa que verdadeiramente se preocupou com Vincent. A familia Van Gogh tinha uma boa situação financeira, mas sempre olhou para Vincent como um intruso excêntrico. Um homem que não era bom em nada, e que insensatamente desperdiçava o pouco talento que possuía.

Talvez se envergonhassem dele. E o desprezassem. Um homem estranho, dominado pela doença, com ataques de cólera e alucinações. Um lunático, um vagabundo irrequieto. Theo era o único que tinha alguma compreensão, o único a reconhecer a sinceridade de Vincent quanto à sua arte.

Theo tentou vender os quadros de Vincent, mas só foi bem sucedido uma vez, já no fim da vida de Vincent. Ele sempre sustentou Vincent financeiramente, mas com dificuldade.

Durante dias, às vezes semanas, Vincent tinha de esperar pelas magras quantias que Theo lhe enviava. A espera deve ter sido agonizante. A compra de tela e de tintas mantinha Vincent permanentemente em dívida. As vezes passava dias sem uma refeição quente, vivendo de café e de pão. Esforçando-se por manter-se vivo. Esperando todos os dias que as coisas mudassem para melhor. Quando alguém está completamente só, e sempre só, então tende a vagar. Em busca de algum sentido de segurança, de alguma paz de espírito.

Vincent nunca a encontrou.

Van Gogh/
Quem foi Vincent van Gogh?

As pessoas dizem sempre que conhecem muito bem Vincent van Gogh porque ele escreveu muitas cartas. Talvez tenhamos essa sensação mas, não importa quanto possamos saber acerca dele, na verdade não o conhecemos inteiramente.

De 1876 a 1890, até nos últimos dias da sua vida, Vincent van Gogh escreveu cartas. Centenas de cartas, a maior parte delas dirigidas ao irmão Theo. Escreveu cartas da Inglaterra, de Haia, das províncias do Brabante e Drenthe, e do sul da França. É assim que podemos recuar no tempo e traçar seu percurso, passo a passo.

Ele fez descrições pormenorizadas de suas tentativas e atribuições, tanto financeiras como artísticas, dos modelos que pintou e das casas onde viveu. Descreveu as cores específicas que utilizava nas suas obras e, assim, tornava-se claro que ele tinha muita consciência do seu trabalho e do seu valor.

Além das preocupações diárias, também escreveu sobre os seus conflitos com os pais e sobre as mulheres de sua vida - Kee Vos, Sien Hoornik e Margot Begeman. Como elas eram, que sensações lhe causaram. As vezes, sentia verdadeira afeição, às vezes, apenas compaixão. Foi compaixão, por exemplo, o que sentiu por Sien Hoornik. Vincent viveu algum tempo com ela em Haia e pensou seriamente em casar-se com ela. Tudo isto era absolutamente contra a vontade da família.

Descreveu as condições miseráveis em que viveu com ela, momentos de ternura alternando com lutas terríveis por dinheiro. São estas descrições que nos dão a impressão de o conhecermos. Mas não o conhecemos. Ele nunca escreveu sobre seus sentimentos mais íntimos. Tudo o que fez foi uma alusão aqui e ali, dando uma idéia vaga sobre um estado de espírito.

Não que não tivesse o dom da expressão. Algumas passagens de suas cartas, principalmente as que foram inspiradas pela natureza, mostram nitidas qualidades literárias. Por isso, deve ter havido um esforço consciente da sua parte para atenuar as emoções mais profundas. Talvez receasse que as cartas pudessem cair em mãos erradas.

Em 30 de maio de 1882, Vincent estava há duas semanas sem notícias do irmão Theo. Devia tantos meses de aluguel que receava que todos os seus bens fossem a leilão.

Ele nem ao menos tinha dinheiro para um selo, para poder mandar seu pedido de socorro num envelope fechado. Tinha um postal mas, como certamente se sentia envergonhado de pedir dinheiro desta forma, escreveu em inglês, na esperança de que menos gente fosse capaz de ler sua mensagem. Um homem assim seria capaz de colocar no papel seus pensamentos mais íntimos?

Por vezes era muito claro, como na sua carta de Saint Rémy, de 4 de maio de 1890. "...toda a região começa a abater-se sobre mim mais do que posso dizer; meu Deus, tenho sido paciente há mais de um ano, preciso de ar, sinto-me agonizar lentamente de tédio e tristeza..."

As cartas de Vincent van Gogh são, na verdade, mais como conversas sobre a vida do dia-a-dia, como as coisas que hoje as pessoas dizem no telefone.
Deixe-me ligar para o Theo em Paris.
O que fez hoje?
Trabalhou muito?
Tem tido notícias dos pais?
Sinto um pouco de gripe.
Está calor, aqui.
Você precisa de alguma coisa especial?
Sim, mande-me dez metros de tela.

O que aconteceria se registrássemos conversas deste gênero entre duas pessoas, durante alguns anos? Será que saberíamos, por fim, quem eram? Talvez soubéssemos um pouco a respeito delas, mas não as conheceríamos bem.

É difícil compreender a tragédia que se esconde por detrás da nota de Vincent a Theo, em 23 de maio de 1890: "sinto que sou um falhado". Dois meses antes de sua morte.

Vincent não mencionou em nenhuma das suas cartas onde adquiriu a pistola com que se matou nos campos de searas de Auvers sur Oise. Nem a luta interior que precedeu o ato. Nem uma palavra. Pelo contrário. Alguns dias antes, a última carta para a irmã terminava com um comentário alegre.

"Desejo sinceramente que passe dias agradáveis com Theo e Jo e, tal como eu, você verá o grande cuidado que têm com o filho e como a criança tem bom aspecto." "Despeço-me agora, são horas de voltar ao trabalho. Abraço-os todos em pensamento".

Durante toda a sua vida, Vincent van Gogh esteve só e desassossegado. Vagou pela Holanda, pela Bélgica e pela França, raramente ficando mais de um ano em qualquer lugar. Não encontrou em lugar algum um verdadeiro lar, e não encontrou ninguém que se interessasse autenticamente pelo que ele fazia.

A família considerava-o um excêntrico irremediável. Ele deve ter-se desesperado em busca de amizade, calor, afeição e amor. Afogou suas mágoas em bares e bordéis obscuros, e morreu num minúsculo quarto vazio ao lado de quadros que, cem anos mais tarde, seriam aclamados como algumas das maiores obras de arte que a humanidade jamais produziu.

Mas o homem que as fez... é um homem que mal conhecemos.

Duas Grandes Exposições Especiais

O programa começa com duas grandes exposições especiais no Museu Nacional Vincent van Gogh, em Amsterdã, e no Kröller-Müller Museum em Otterloo.

Cerca de 120 quadros estarão em exposição no Museu Nacional Vincent van Gogh. Dois terços deles virão de vários museus de outros lugares, entre os quais Paris, Londres, Nova York, Moscou e Zurique. No Kröller-Müller

Museum, serão expostos 250 desenhos, metade dos quais cedidos por colecionadores estrangeiros.

Em ambas as exposições serão exibidas obras-primas de Van Gogh.

Um grande catálogo, de dois volumes, será apresentado pelo editor italiano Arnoldo Mondadori Editore Arte SRL/De Luca Edition d'Arte SPA.

Outras Exposições

Depois das grandes exposições especiais, será mostrada no Museu Nacional Vincent van Gogh, no outono de 1990, uma seleção de cartas ilustradas. A partir de novembro de 1990, terá lugar mostra de trabalhos de artistas que sofreram influência de Van Gogh, nos anos 1890-1918. Além dos mais importantes expressionistas alemães e dos Fauves de Paris, a exposição incluirá obras de Picasso, Schiele e Miró.

No Museu Holandês de Têxteis, em Tilburg, haverá uma exposição sob o tema da "tecelagem". Durante um curto período da sua vida, Van Gogh estudou este tema e, a partir dele, criou dezenas de quadros, aquarelas e desenhos.

No Museu Nacional de Etnologia, em Leiden, as gravuras japonesas que Vincent e Theo van Gogh colecionaram e serviram de fonte de inspiração para muitas pinturas extraordinariamente marcantes, também serão mostradas.

Através de seleção cuidadosamente feita de trabalhos fotográficos de seus contemporâneos, o Museu Municipal de Amsterdã fará uma reconstituição do mundo em que Vincent van Gogh viveu.

A admiração que Van Gogh sentia pelo pintor holandês Frans Hals é o tema de uma exposição internacional no Museu Frans Hals, em Haarlem. Numa iniciativa conjunta com a National Gallery, de Washington, e da Royal Academy, de Londres, serão expostas oitenta obras de Frans Hals.

Por iniciativa do Museu Nacional Vincent van Gogh, será publicada em 1990 a primeira edição holandesa completa de todas as cartas de Vincent van Gogh.

Nas edições "Cahiers Vincent", do Museu Nacional

Vincent van Gogh, o Prof. Ronald Pickvance vai publicar um artigo sobre as cartas de pêsames que Theo van Gogh e a esposa receberam após a morte de Vincent. As cartas traçam um retrato interessante e até surpreendente do mundo cultural em que os irmãos Van Gogh viveram.

Opera

Duas novas óperas serão programadas em 1990: "Un malheureux vêtu de noir", do compositor holandês Jan van Vlijmen, e "Vincent", do compositor finlandês Einojuhani Rautavaara. A produção holandesa é um longo drama musical baseado nos últimos tempos da vida de Vincent van Gogh.

A ópera finlandesa inspira-se na vida e obra de Van Gogh, de modo geral. Foi inscrita num concurso organizado pela Ópera Finlandesa para o Festival de Savonlinna.

Também serão representadas muitas peças. Haverá um Seminário Internacional Van Gogh, filmes e documentários para a televisão.

VINCENT VAN GOGH/PAUL HUF
FACE A FACE,
UM ENSAIO FOTOGRÁFICO

Antecipando o Ano Van Gogh, em 1990, a KLM encomendou ao famoso fotógrafo Paul Huf uma série de fotografias dos locais onde Vincent van Gogh viveu e trabalhou.

A exposição compreende 150 fotos. Foram feitas oito cópias da exposição, para que, com o patrocínio da KLM, ela possa ser apresentada no mundo todo. O objetivo desta exposição é atrair a atenção internacional para as iniciativas, na Holanda, do Ano Van Gogh (1990).

Juntamente com as firmas Heineken, Douwe Egberts e Spaarbank, a KLM é um dos principais patrocinadores da Fundação Van Gogh 1990.

Nesta expedição fotográfica aos locais onde Van Gogh passou sua vida, Paul Huf foi acompanhado pelo historiador de arte holandesa J.J.T.Sillevis, curador da coleção de arte do Século XIX do Museu Municipal de Haia. As vezes, como aconteceu, por exemplo, em Paris e em Saint Rémy, no sul da França, Paul Huf fotografou os lugares exatos onde Vincent van Gogh trabalhou. Às vezes deixava seu olhar vagar em redor, inspirado, como ele, pela paisagem à volta.

Esta é uma das encomendas mais importantes já feitas a um fotógrafo holandês e, certamente a de maior difusão a nível internacional. A firma PDI Color Gallery, de Amsterdã, foi a responsável pelos aspectos técnicos da exposição.

A KLM também considera este projeto como uma homenagem aos 150 da fotografia, celebrados este ano.

Programa de Atividades Van Gogh 1990

A partir de 31 de março, dia em que Van Gogh nasceu, será dado início a vasto programa de atividades centrado na sua vida e na sua obra.

Depois da morte do pai, Vincent foi para Antuérpia. Aí teve ligoes na Academia mas deixou logo a cidade para ir juntar se ao seu irmão, em Paris. Vincent van Gogh viveu dois anos em Paris, antes de mudar-se para Arles, onde tinha a esperança de conseguir fundar uma colônia de artistas.

No entanto, o único artista que juntou-se a ele foi Paul Gauguin, que ficou apenas dois meses. Depois de varias experiências desagradaveis com Gauguin, algumas graves crises de depressão e temporadas no hospital local, Vincent foi admitido num hospital psiquiátrico em Saint Rémy.

Apos um ano nesse hospital, Vincent toi reencontrar o irmão em Paris. Theo estava agora casado com Jo Bonger e tinham um filho chamado Vincent.

Van Gogh fixou-se num povoado de artistas chamado Auvers-sur-Oise, ao norte de Paris. Em 27 de julho de 1890 disparou um tiro no peito e morreu dois dias depois.

O irmão Theo morreu seis meses depois. Estão ambos sepultados num pequeno cemiterio, na saída de Auvers-sur-Oise.

Theo van Gogh foi a única pessoa que verdadeiramente se preocupou com Vincent. A familia Van Gogh tinha uma boa situação financeira, mas sempre olhou para Vincent como um intruso excêntrico. Um homem que não era bom em nada, e que insensatamente desperdiçava o pouco talento que possuía.

Talvez se envergonhassem dele. E o desprezassem. Um homem estranho, dominado pela doença, com ataques de cólera e alucinações. Um lunático, um vagabundo irrequieto. Theo era o único que tinha alguma compreensão, o único a reconhecer a sinceridade de Vincent quanto à sua arte.

Theo tentou vender os quadros de Vincent, mas só foi bem sucedido uma vez, já no fim da vida de Vincent. Ele sempre sustentou Vincent financeiramente, mas com dificuldade.

Durante dias, às vezes semanas, Vincent tinha de esperar pelas magras quantias que Theo lhe enviava. A espera deve ter sido agonizante. A compra de tela e de tintas mantinha Vincent permanentemente em dívida. As vezes passava dias sem uma refeição quente, vivendo de café e de pão. Esforçando-se por manter-se vivo. Esperando todos os dias que as coisas mudassem para melhor. Quando alguém está completamente só, e sempre só, então tende a vagar. Em busca de algum sentido de segurança, de alguma paz de espírito.

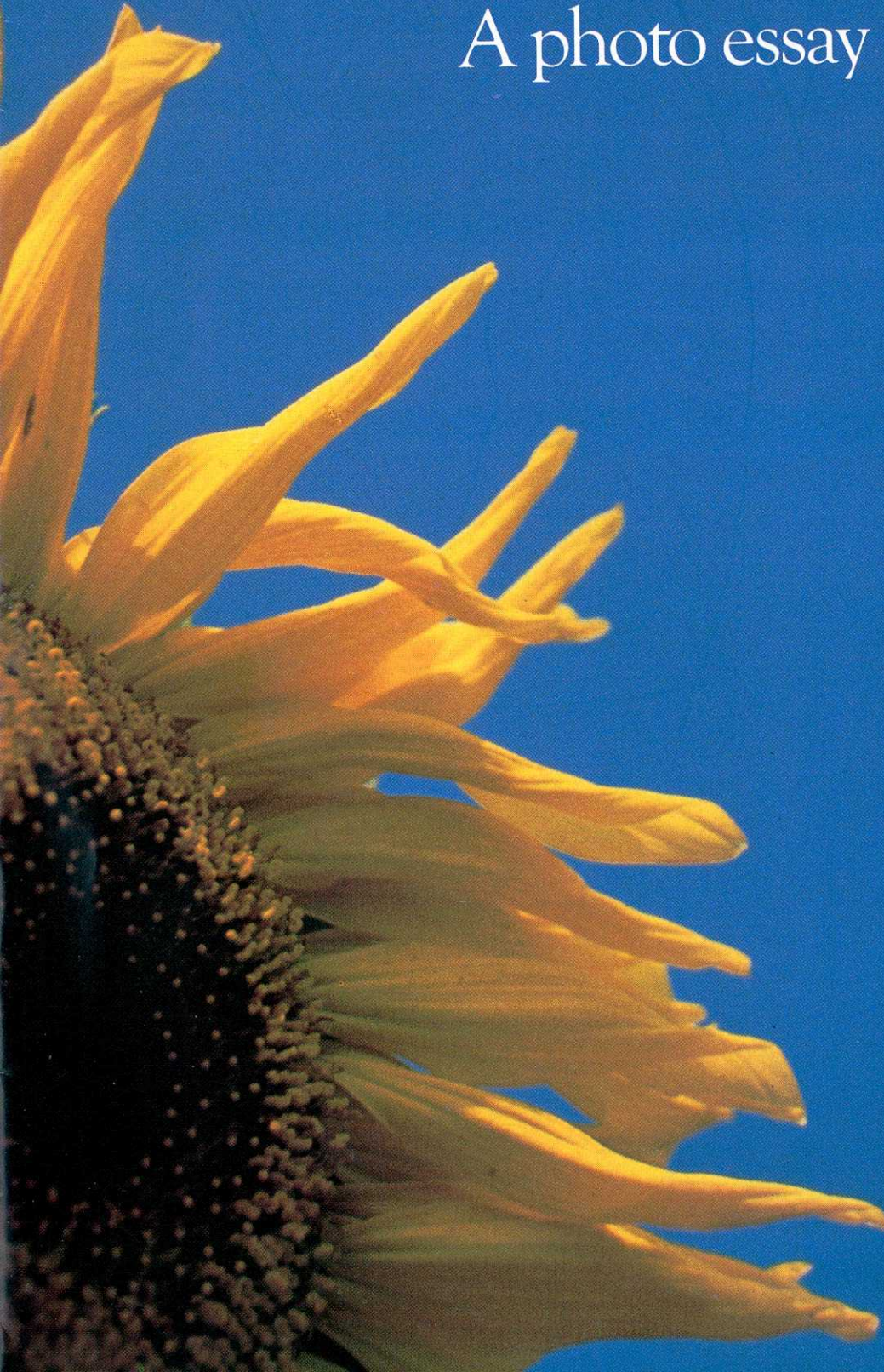
Vincent nunca a encontrou.

— Van Gogh / Paul Huf —



EYE *to* EYE

A photo essay




KLM

In anticipation of the Van Gogh Year 1990 which marks the centenary of the artist's death, KLM Royal Dutch Airlines commissioned Dutch photographer Paul Huf to capture with his camera the places where the artist Van Gogh lived and worked. The exhibition opened on March 18, 1989 at the Van Gogh Museum in Amsterdam and comprises 150 photographs. It will be shown in various parts of the world including New York, Los Angeles, Chicago, Washington DC, Tokyo, Mexico City, Sydney and Bangkok.

On his photographic journey, Huf was accompanied by the Dutch art historian, John Sillevs, curator of the collection of 19th-century art at the Municipal Museum in The Hague. Often Huf photographed the exact location where Van Gogh lived and worked. Sometimes he allowed his eye to wander, inspired by the landscapes and surroundings.

In 1990 the exhibition will become a part of the Vincent van Gogh centenary programme. The exhibition is also meant as a homage to the 150th anniversary of photography, which is being celebrated this year.

EYE TO EYE

As great as the differences might be between painting and photography, there are also striking similarities. Van Gogh was a master of the former, Paul Huf is a master of the latter.

Eager to capture the excitement he felt in nature – the excitement of the moment – Van Gogh painted feverishly to bring it to life on canvas. In the same way Paul Huf has tried to freeze the moment in his photographs, capturing the play of light or a fleeting expression. Both are fascinated by faces, and both of them have an impressive collection

of portraits to their credit. Just as colour is the heart and soul of Van Gogh's paintings, Huf has breathed life into his work by his masterly use of colour.

Paul Huf spent a whole year exploring the life of Van Gogh, rediscovering the places he lived and worked so that now, one hundred years later, he can truly see him eye to eye.

THE PHOTOGRAPHER

Paul Huf was a pioneer in the development of professional photography in the Netherlands. As long ago as 1946 when he received his first commission for the portraits of the Nederlandse Comedie he set a new standard in photographic style and design. In the course of his career, Huf has worked in advertising, documentaries, and created masterly still lifes and landscapes. But it is in the art of portraiture that he excels.

As a child, Huf's actor-father exposed him to the world of expression and gesture, teaching him from an early age to distinguish characteristics in facial expression and posture. Influenced by the likes of Erwin Blumenfeld, George Platt-Lynes, George Hoyningen-Heune and George Hurrell, Huf became the major representative of glamour photography in the Netherlands. His portraits have a flavour of candid journalistic photography, even when they are used for advertising or fashion.

Huf is sometimes known as the 'sculptor' among photographers because of his ability to freeze his subjects, as if they have been suspended in the moment. While this is the quality which makes his work so special, it is also the reason why he became interested in film. In photography he was restricted from expressing rhythm and movement properly. Since 1966 Huf has produced

numerous advertising and promotional films, television commercials and documentaries, many of which have won awards.

Huf is a board member of the World Press Photo Foundation and the Dutch Photography Foundation. The one-man Van Gogh photographic exhibition is a landmark in his career.

THE PAINTER

Who was Vincent van Gogh? From 1876 until the last few days of his life, Van Gogh wrote hundreds of letters, most of them to his brother Theo. He wrote letters from England, The Hague and Brabant, from Drenthe and from the south of France. He gave detailed accounts of his trials and tribulations, financial as well as artistic, the models he painted and the houses he lived in. He wrote about his clashes with his parents and about the women in his life.

Some of the letters are actually more like conversations about day-to-day life, the things people talk about on the telephone nowadays. Let me just give Theo a call in Paris. What did you do today? Work hard? Heard from the folks lately? I feel a touch of the flu coming on. It is hot here. Anything special you need? Yes, send me ten metres of canvas. But how much do we really know about the innermost feelings of the artist?

On May 30, 1882 for instance, Vincent had not heard from his brother Theo for two weeks. He owed so much back rent he was afraid all his possessions would soon be put up for public auction. He did not even have the money for a stamp to send his cry for help in a closed envelope. He did have a postcard though, but since he was ashamed to be asking for money this way, he did so in English, in the hope that fewer people would be

able to read it. Would a man like that be likely to commit his most intimate thoughts to paper?

Vincent did not mention in any of his letters where he got the pistol he shot himself with in the cornfields of Auvers-sur-Oise. Or what internal struggle had preceded the deed. Not a word. On the contrary. A few days earlier, the last letter to his sister had ended on a cheerful note. "I sincerely hope you will have a few very pleasant days with Theo and Jo and just as I, you will see what good care they take of the child and how well the child looks. I will say good-bye for now, it is time I got back to work. In my thoughts I embrace you all."

All his life, Vincent van Gogh was lonely and restless. He roamed around Holland, Belgium and France, rarely staying much longer than a year in any one place. Nowhere did he find a true home for himself and nowhere did he find anyone who was truly interested in what he was doing.

Apart from his brother Theo, his family considered him a hopeless eccentric. He must have been desperate in his quest for friendship, warmth, affection, love. He drowned his sorrows in obscure bars and brothels, collapsed exhausted amidst the corn he loved so dearly and died in a tiny bare room next to a couple of paintings that, a hundred years later, were to be hailed as some of the greatest works of art humanity has ever produced. But the man who made them... he is a man we hardly know.

A BIOGRAPHY

Vincent van Gogh was a drifter. Sometimes he would move two or three times in one year. It started in 1869 when he dropped out of secondary school and at 16 years old moved to The Hague and

got a job at the gallery of Goupil & Co.

Three years later, he was transferred to the company's London branch, and in 1875 to its most important office, in Paris. The restless roaming began after his dismissal on April 1, 1876. He returned to England, where, on his brother Theo's suggestion, he worked as a teacher and curate in Ramsgate and Isleworth.

A year later he was back in the Netherlands where he worked for three months at a bookshop in Dordrecht and then moved to Amsterdam. There he did preparatory studies with the intention of entering a seminary to study theology. But after only a year, he gave up his studies and went to Brussels to take a shorter course as a lay preacher.

From 1878 to the beginning of 1880, he worked as a missionary at three different places in the Borinage, a coal-mining district in Belgium. No matter how enthusiastic he was, no matter how much compassion he exhibited for the poor people of the mining district, his extreme behaviour upset the church authorities. He was dismissed from the mission and returned to Brabant in the Netherlands.

He had already begun drawing in the Borinage, and after his failure as a missionary decided to become an artist. In order to acquire the skills he felt he needed, in 1881 he went to The Hague and studied with Anton Mauve.

He stayed in The Hague until September 1881, and for a short time he lived there with Sien Hoornik. His parents exerted pressure on him to end the relationship, as did Theo, who threatened to cut off his allowance. After the relationship ended, Van Gogh left for Drenthe, where he stayed for half a year. The harsh winter weather and emotional isolation drove him back to his parents in Nuenen.

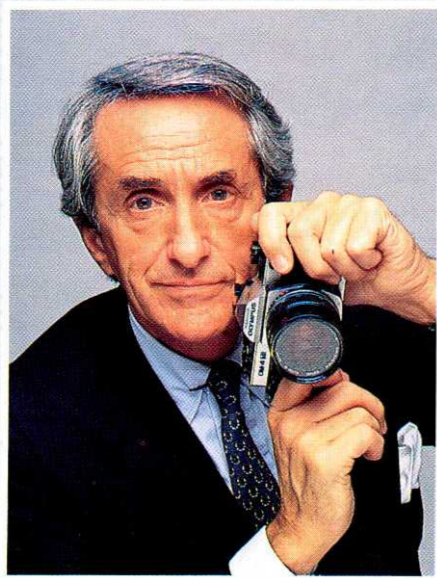
After his father died, Vincent left for

Antwerp. There he took lessons at the Academy, but soon left the city to join his brother in Paris before moving to Arles two years later where he hoped to establish an artists' colony. The only artist to join him there, however, was Paul Gauguin who left two months later. Following some serious bouts of depression and a number of spells in the local hospital, Vincent admitted himself to a mental asylum in Saint-Rémy. After a year at the asylum, where he made more than 150 paintings, Vincent joined his brother in Paris.

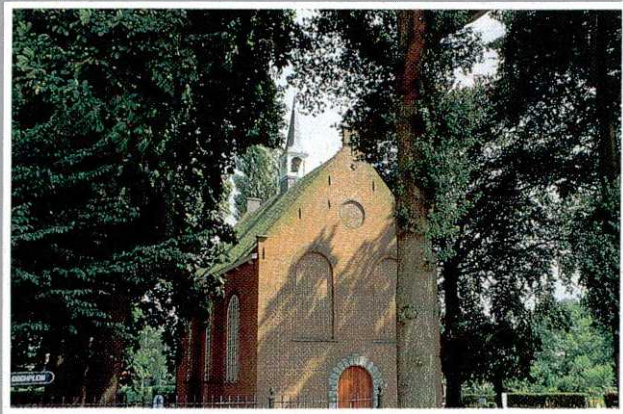
Vincent settled in Auvers-sur-Oise, north of Paris. On July 27, 1890, he shot himself in the chest and died two days later. His brother Theo died half a year later. Both are buried at a small cemetery just outside Auvers.

Theo was the only person who truly seemed to care about Vincent. The Van Gogh family was reasonably well-to-do, but always viewed Vincent as an eccentric outsider, a man who was not much good at anything, and who was foolishly frittering away what little talent he did have, a strange, disease-ridden man with fits of anger and hallucinations, a lunatic, a restless tramp.

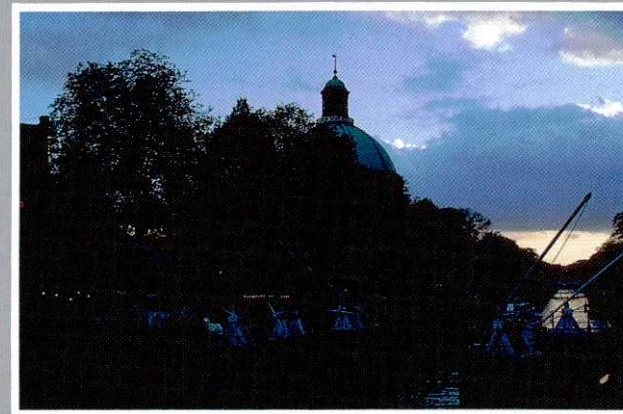
Theo tried to sell Vincent's paintings, but was successful on only one occasion, at the end of his life. Though he always supported his brother financially, it didn't amount to much. For days, sometimes weeks, Vincent had to wait for the tiny sums of money Theo would send him. The waiting must have been agonising. Just buying canvas or paint constantly kept Vincent in debt. He sometimes went for days without a decent meal, living on coffee and bread, barely keeping alive, hoping every day that things would take a turn for the better, always alone, roaming in search of some sense of security, some peace of mind. He never found it.



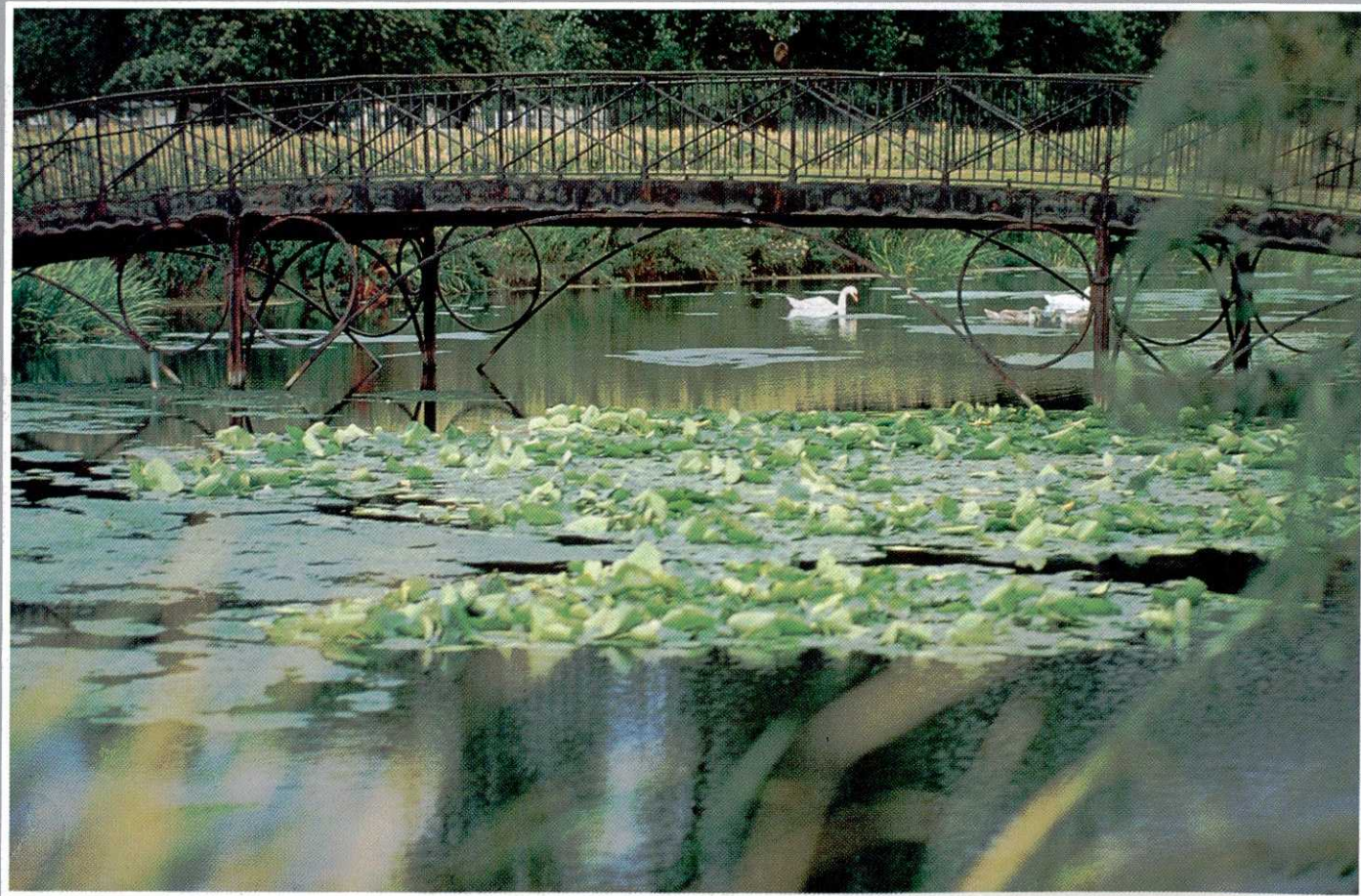
VINCENT VAN GOGH FOUNDATION/RIJKSMUSEUM VINCENT VAN GOGH



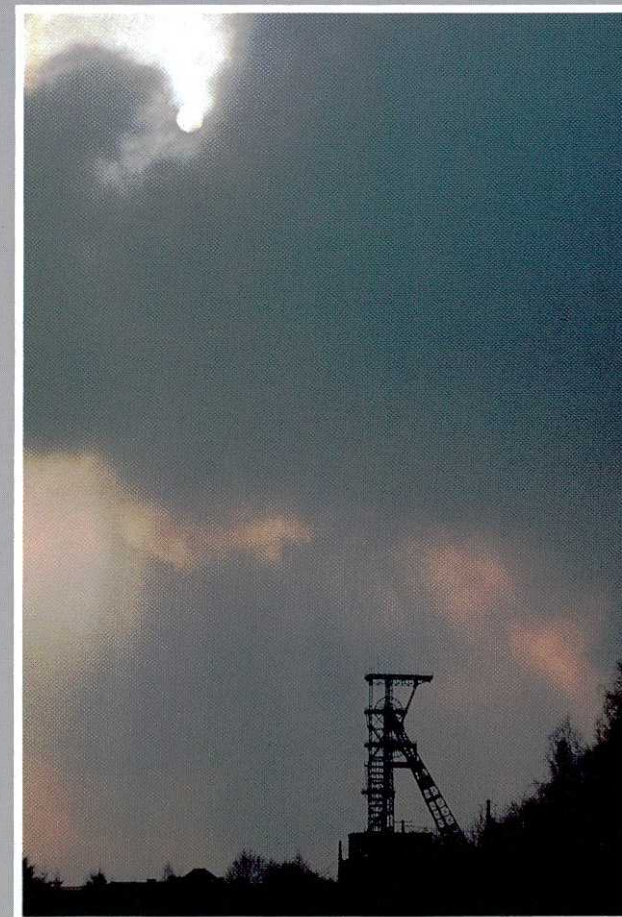
Vincent van Gogh was born in 1853 in Groot Zundert, a village in southern Netherlands where his father was a pastor of the Dutch Reformed Church



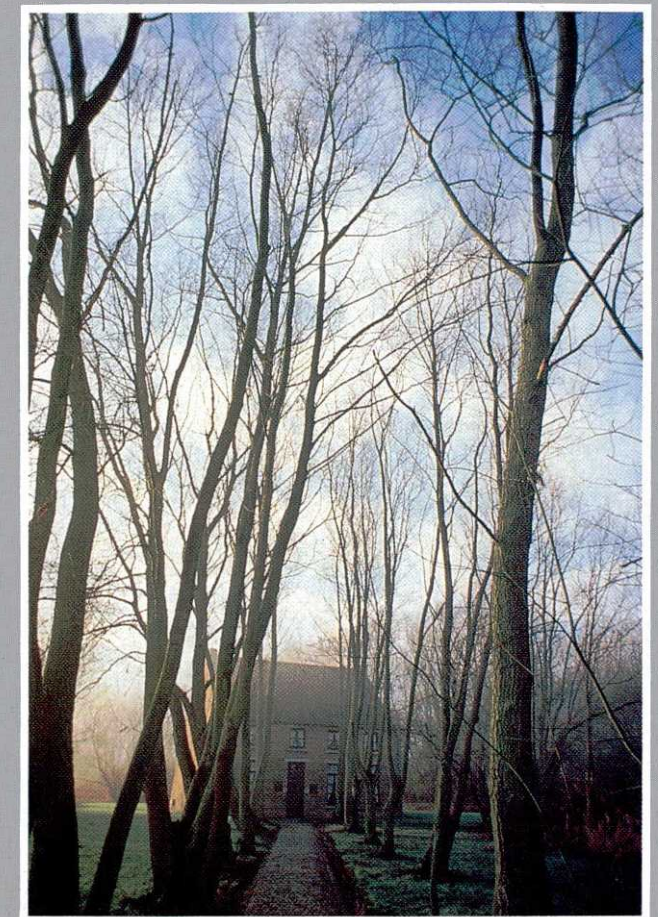
The Lutheran church on Amsterdam's Singel canal. In 1877 he began preparations to study theology at the University of Amsterdam



Drawn to the Church, in 1876 Van Gogh became assistant to a Methodist minister in Isleworth, England. "I felt like someone emerging from a dark subterranean cellar into the friendly daylight when I stood in the pulpit..."



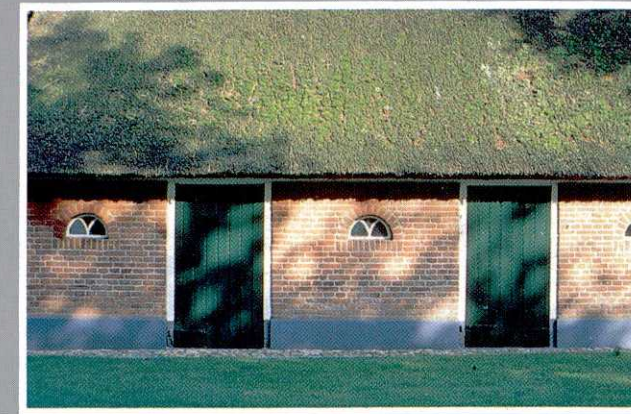
In 1878 he went to Brussels where he failed a short course in lay preaching. Determined to continue he took an assignment in the Borinage, a mining region in southern Belgium



In the poverty-stricken Borinage, Van Gogh's religious fervour turned to art. "I know I am good for something, I feel that I am here for a reason..."



Van Gogh moved to The Hague in 1881 where he made many drawings, watercolours, and his first oil paintings. "I have found my work... something which gives life vitality and meaning..."



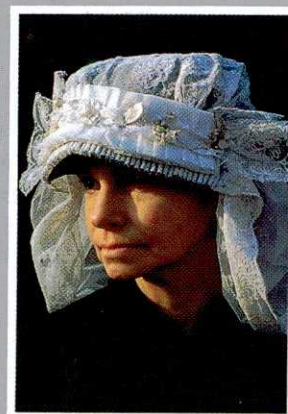
After a stormy period in The Hague he moved in 1883 to Hoogeveen in Drenthe province. "I painted a few more studies... including a large farm with moss roofing"



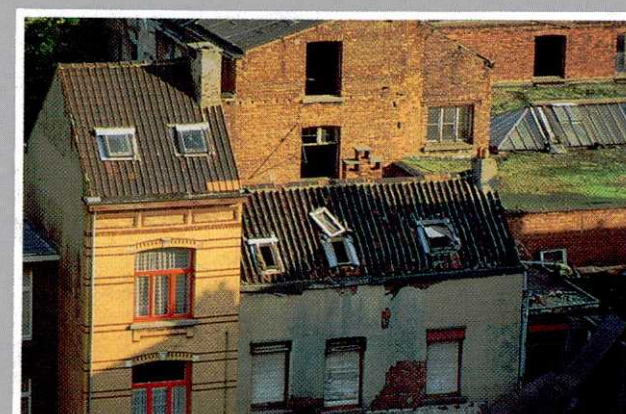
He also painted in the dunes at Scheveningen and began his correspondence with his brother Theo, who supported him both emotionally and financially throughout his lifetime



In Drenthe Van Gogh found peace. "To me, this is perfect beauty. In other words there is peace here..."



Van Gogh returned to Nuenen where he stayed with his family. Here in the farmlands of Brabant, he made many studies, among them *The Potato Eaters*



Van Gogh moved to Antwerp for three months. There he discovered Japanese prints which became an important influence on his paintings



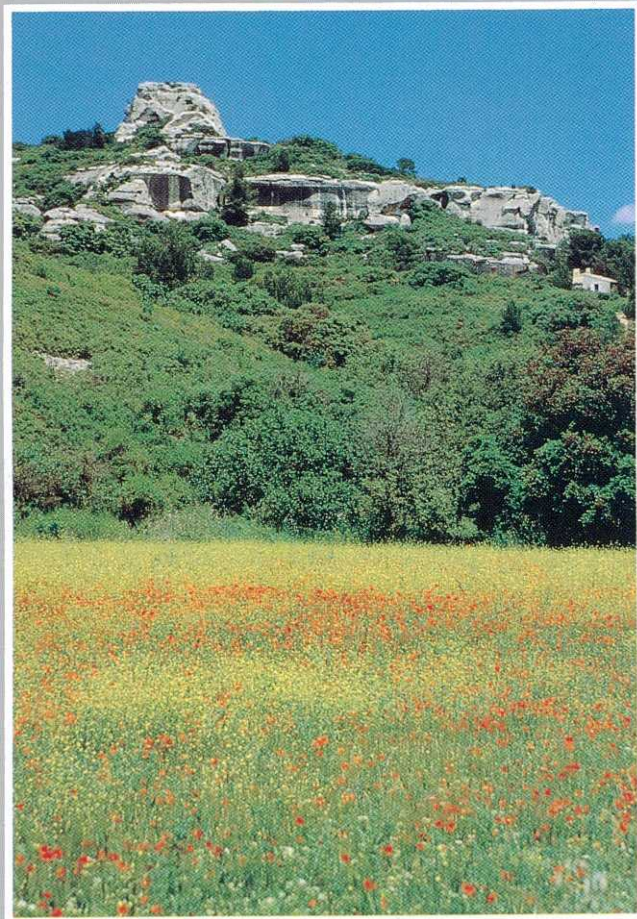
In 1886 he went to stay with his brother Theo in Paris. He met many of the leading painters of the time: Signac, Bernard, Toulouse Lautrec, Gauguin



"Rarely, recently, have the silence and nature spoken to me in this way. It sometimes happens in the places where nothing can be seen of what we call the civilised world, sometimes these are the places we need in order to find calm"



Van Gogh was inspired by the area of Montmartre. Le Moulin de la Galette was the subject of several paintings. "There is only one Paris... the French air clears your mind and does you good..."



In 1888 Van Gogh settled in Provence with the idea of establishing a community of painters. Though that proved unsuccessful, he was productive here. "Ideas for my work keep flooding in... I am painting like a locomotive..."



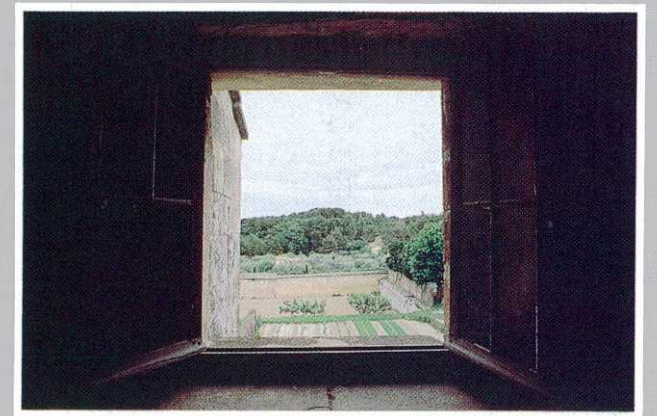
"I am painting with the enthusiasm of a Marseillan eating bouillabaisse, which will not surprise you when it is a question of painting large sunflowers"



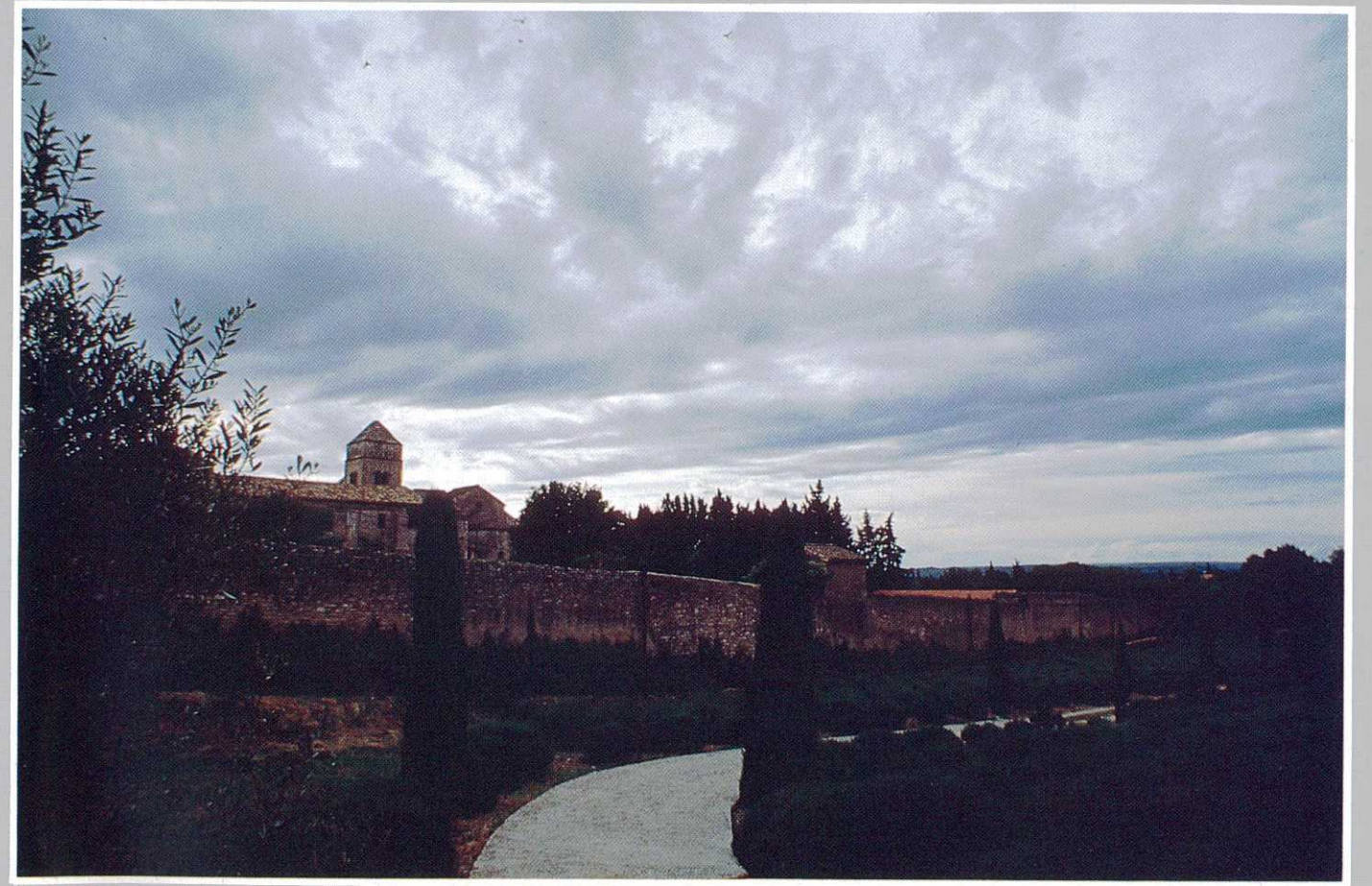
He persuaded Gauguin to come to Arles but it proved to be a stormy relationship. Yet his painting flourished. "Often the night seems to me more lively and richer in colour than the day..."



The church of Saintes-Maries-de-la-Mer, south west of Arles on the Mediterranean. Van Gogh painted it on several occasions



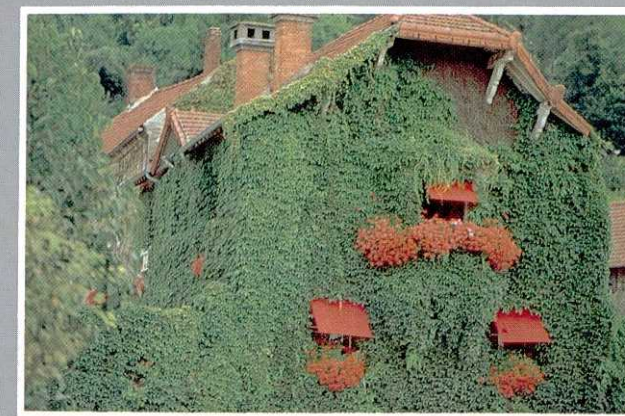
In 1889 Van Gogh admitted himself to a mental institution in Saint-Rémy. In the year he spent there he produced more than 150 paintings



"I am working like one actually possessed... And I think it will help cure me... I am now trying to recover like a man who meant to commit suicide and, finding the water too cold, tries to regain the bank..."



In Auvers-sur-Oise, north of Paris, Van Gogh painted the surrounding landscape. "I am totally absorbed by the immense spread of cornfields against the hills, wide as a sea, fine yellow, fine subdued green..."



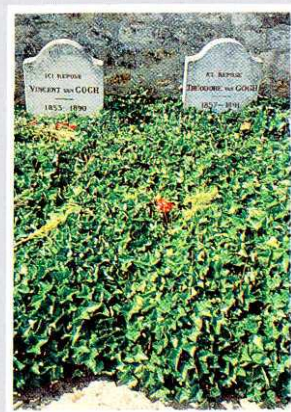
"Auvers is very beautiful. I have been working hard and fast in the last few days; this is how I try to express how desperately fast things pass in modern life..."



"There are endless stretches of corn under a cloudy sky, and I was not ashamed to express the deepest despondency and loneliness..."



On July 29, 1890 Vincent died in his brother's arms two days after he shot himself in the chest. He was buried in the small cemetery outside Auvers-sur-Oise



Six months later, Theo died. He is buried next to his brother in a grave covered in ivy

VINCENT VAN GOGH CENTENARY YEAR

Beginning March 30, Vincent van Gogh's birthdate, there will be a large-scale programme of activities in 1990 centred on his work and life.

Major exhibitions

The programme is to start with two retrospectives at the Vincent van Gogh Museum in Amsterdam and the Kröller-Müller Museum in Otterlo. Approximately 120 paintings will be exhibited at the Van Gogh Museum, two-thirds on loan from museums in Paris, London, New York, Boston, Moscow and Zurich. At the Kröller-Müller Museum, 250 drawings will be on show, half of them from collections abroad. Both exhibitions will include key works from the total oeuvre of Van Gogh.

A major, two-volume catalogue is to be brought out by the Italian publisher Arnoldo Mondadori Editore Arte SRL/De Luca Edition d'Arte SPA.

Reservations for the exhibitions can be booked in advance. Tickets will be issued per museum, per day and time period.

Other exhibitions

After the special exhibition, a selection of letters illustrated with drawings will go on display at the Van Gogh Museum in the autumn of 1990. And starting in November 1990, there will be an exhibition of the work of artists influenced by Van Gogh in the years 1890-1918. In addition to the most important German expressionists and the Fauves of Paris, it will include works by Picasso, Schiele and Miró.

An exhibition will take place at the Netherlands Textile Museum in Tilburg, centred around the theme of weaving. For a short period in his life, Van Gogh studied this theme and elaborated upon it in his paintings, watercolours and drawings.

At the National Ethnology Museum in Leiden, the Japanese prints that Vincent and Theo van Gogh collected and that served as a source of inspiration for a number of unusually striking paintings will be on exhibit.

By way of a carefully made selection from the photographic work of his contemporaries, the Stedelijk Museum in Amsterdam will reconstruct the world of Vincent van Gogh.

The admiration Van Gogh felt for the Dutch painter Frans Hals is to be the subject of an international exhibition at the Frans Hals Museum in Haarlem. In conjunction with the National Gallery in Washington and the Royal Academy in London, 80 works by Frans Hals will be shown.

Van Gogh's Letters

On the initiative of the Van Gogh Museum, the first complete Dutch edition of all the letters of Vincent van Gogh is to be published in 1990. This new edition, containing the results

of years of research, will meet the latest requirements in this field.

In the 'Cahiers Vincent' series at the Van Gogh Museum, Professor Ronald Pickvance is to publish an issue about the letters of condolence that Theo van Gogh and his wife received after Vincent's death.

Opera

Two new operas are to be on the programme in 1990: *Un malheureux vêtu de noir*, by the Dutch composer Jan van Vlijmen, and *Vincent*, by the Finnish composer Einojuhani Rautavaara. The Dutch production is a full-length musical drama based on the last period in the life of Van Gogh. The Finnish opera is based on the life and work of Van Gogh and was an entry at a contest organised by the Finnish Opera for the Savonlinna Festival.

A number of plays are also in the planning and there will be an international Van Gogh Seminar, as well as films and television documentaries.

Publications

A Vincent van Gogh 1990 Handbook, summarising all the exhibitions and events planned for that year will be published in several languages.

The book *Vincent van Gogh/Paul Huf: Eye to Eye* will be published by De Kempen Pers, Postbus 3, 5527 ZG Hapert (Brabant), The Netherlands.

Posters

A number of internationally known artists such as Francis Bacon, Willem de Kooning, Jannis Kounellis, Roy Lichtenstein, Antoni Tàpies among others, will design posters as a tribute to Vincent van Gogh. These will be available to the public in unlimited editions.

Together with Heineken, Douwe Egberts and the Spaarbank, KLM is a major sponsor of the Van Gogh 1990 Foundation.

Text by Ron Wunderink
Designed by Roon van Santen
Translation by Sheila Gogol
Published by Multi Media International
Noordhollandstraat 71,
1081 AS Amsterdam,
The Netherlands,
(P.O. Box 71160, 1008 BD Amsterdam
Telephone: (020) 425788. Telex: 11636.

Photo-technical work for the *Eye to Eye* exhibition by PDI Professional Color Studio, Amsterdam



“What kind of culture
can you find in Holland?”

“Everything under the sky.”

The skies by v.d. Neer, Hals, Ruisdael and Van Gogh are supplied courtesy of the Rijksmuseum-foundation and Vincent Van Gogh foundation in Amsterdam.

Certainly you'll find the fine art of Rembrandt, Van Gogh and Mondriaan.

You'll also find literally thousands of other very good reasons to visit Holland.

KLM's Holland. A year-round festival of cultural events guaranteed to enrich your life. Over 12,000 concerts, theater and ballet performances annually in Amsterdam alone.

With 800 museums, 42,000 famous Dutch monuments to choose from, all within two hours of Amsterdam.

Holland is quite an experience. In fact, it's quite a culture shock.

Upcoming special events:

- The Van Gogh Centennial exhibitions in Amsterdam and the Kröller-Müller museum in Otterloo, April-July 1990.
- The International Frans Hals exhibition in Haarlem, May-July 1990.
- The Decennial Flower exhibition "Floriade 1992" near The Hague.

KLM, flying the world to the festival that's Holland. Test us, try us, fly us.

The Reliable Airline

